AQUI, PARIS...

por GONÇALO RAMIRES

França 1934

As recentes palestras do sr. Doumergue fizeram-me recordar certa conferência de Alfredo Pimenta, nos tempos aureos da Liga Naval. Sòmente, o sr. Doumergue, tão republicano como então o era Alfredo Pimenta, não ousou a pitoresca conclusão do brilhante publicista português na intrépida e lúcida harenga e, portanto, não rematou dizendo que *uma república é tanto mais perfeita quanto mais se aproximar da monarquia*. Mas, visivelmente, pensou o.

De resto, através das palavras do chefe do govêrno francês (um chefe que não chefia mas quere chefiar) descortinam-se, com facilidade, as teorias de Tardieu no seu livro *L'Heure de la décision*, as idéas do Coronel de La Roque, chefe dos *Croix de Feu*, o pensamento, enfim, de quantos em França, desde a *Action Française* aos *Francistes*, representam a revolução, a Idéa Nova, que não é mais, afinal, que a fórmula velha, a tradição adaptada às circunstâncias presentes, e enriquecida pelos ensinamentos de uma longa, dura, mas benéfica experiência moral, política e social.

Por vezes, dir-se-ia que o chefe ministerial do país de Rousseau, leu com largo proveito o *Novo Principe*, para si buscando como lema político e programa de acção, as profundas e sábias palavras de Camões ao rei de Alcacer-Kibir: «Tomai as rédias vós do Reino vosso»...

Curioso momento histórico êste que estamos vivendo, pleno do inglório fragôr do ruim das teorias que, por tanto tempo pareceram, aos ingénuos e aos românticos, a obra prima da humanidade, a posse da Terra Prometida, o supremo bem.

As palavras do sr. Doumergue, por virem de quem chefia e representa o país onde a asneira social começou teem uma dupla importância e valem duplamente. Vieram tarde, mas chegam a tempo e são, nesta hora de definitivo desengano democrático (no corrente e mau sentido desta palavra), o golpe de misericórdia no *stupide* século XIX e, ao mesmo tempo, o seu responso, um *mea culpa*.

Eis-nos, assim, na época das monarquias que o são de facto, e das repúblicas que o são de nome. Uma revisão da História, que de resto começa a fazer-se, nos demonstrará quanto alguns reis contribuiram, por seus erros e até por seus crimes, traindo a sua função nacional para a sangrenta e trágica desordem de que só agora, penosa e paradoxalmente, certos países começam a saír e a França, pela mão do sr. Doumergue, *leader* casual da reação, quere também emancipar-se, regressando, tanto quanto a republica o permite, à verdade histórica, a um *faites un chefe* que é a parafrase, reduzida e acondicionada às circunstâncias, do *faites un roi* dos partidários do Duque de Guise.

Paris, Paris...

Decididamente, a única forma de amar Paris, é não passar nos Campos-Elisios nem ir aos grandes «Boulevards». E' certo que a invasão judaica, os fugidos a Hitler, são em grande parte os responsaveis do triste aspecto das suas grandes artérias, hoje desfiguradas pelas inumeras baiúcas que um municipio inconsciente tolera em vez de proibir.

Que falta de distinção, que saudosa ausencia daquele encanto delicioso de outrora, que lhe dava fóros de cidade única, esfusiante, aliciante, rara; maravilha de graças tantas, florais, mundanas e etereas, resumidas numa só palavra que era um sonho, um beijo, um sorriso, irmã gemea do *champagne*, — a luminosa e evocadora palavra do seu nome: Paris!

Hoje não. Valem-nos os museus. Mas nas ruas, nos cais, nos «Boulevards», já não topamos Corot, no espectáculo de uma arvore despindo-se; nem Renoir, na mancha ruidosa e colorida de uma *terrace* ou de um recanto de jardim; e Beaudelaire, Verlaine e Nerval, ilustres parisienses, tais como seus irmãos Rimband e Apolinaire, não deambulam já pelos cafés à hora do *apero*.

Só cedo, muito cedo, pela manhã, à hora apressada e sorridente das costureiras, e, efemeramente, no Lilas-Rosa, da tardinha, Paris, como Lisboa na bela estancia de Lopes Vieira no *Em demanda do Graal*, se transfigura e, um milagre de luz, é uma visão suprema, onde estranhamente se perfilam, oiro suave sôbre azul delido, as cúpulas do *Sacré-Coeur*...

Paris, Paris... nele vivemos com saudades suas, amando o amor de o amar, na divina e voluptuosa embriaguês das lembranças, filtro fatal, beijo sem fim que nos penumbra e embala mais, talvez, que os beijos reais que vamos dando, simples mover de lábios de que só muito mais tarde saberemos a graça e o perfume.

Fecho os olhos e entrego a minha alma á *rêverie* pungente, á *berceuse* das saudades, toada dos tempos idos. Afinal, cada cidade é uma mulher. Do longe da distância, da penumbra discreta de um café remoto e adolescente fitam-me molhados de ternura ingénua e linda, uns olhos dôces de costureirinha risonha. Ouço-lhe a voz pequenina e garota, tremente e triste na hora cinzenta da abalada: *tu vas revenir?*

Claro que havia de voltar. Decerto que voltei, Mimi Pinson! Todos voltamos sempre á adolescencia. Todos um dia fechamos os olhos para ver melhor. Paris, Paris... talvez não esteja tão mudado como eu o vejo. Sou eu que, talvez, tenho talvez saudades de Mimi Pinson, saudades minhas, saudades de mim lá longe, saudades de quando o nosso coração era, êle próprio, Mimi Pinson, e a nossa alma — a minha e a dos do meu tempo — uma borboleta ainda não queimada, mas já deslumbrada correndo para a chama fatal. Paris, recordações, mulheres, adolescencia, macidade... vêm-me á idéa certo soneto de Petrarca e uns versos de Raimundo Correia cujo último é êste: «Oh! Borboleta pára! oh mocidade, espera!... Palavras ao vento...

Mas que tem tudo isto com Paris? É que foram talvez as fôlhas dos seus platanos e castanheiros, já caindo doiradas, e êste sol já frio de outono melancólico, que me tocaram de nostalgia.

Vou ver o *salon* dos automóveis. O *aero-dinamismo* deve ser um bom antidoto de estas impressões; as «rodas da frente independentes» devem ter uma influência considerável e decisiva na plancencia das almas; o ruído das sereias dos automóveis deve calar o ciciar da outra sereia...

Egipto, 15 séculos antes de Cristo

Afinal, Mussolini, Salazar, Hitler são piramidais, quere dizer, do tempo das piramides e as suas teorias e práticas, consideradas novas e revolucionárias, são velhas e menos ainda que «Bota de Elástico».

Serg Dairaines, um joven advogado francês *doublé* de homem de espírito e sólida cultura, deu recentemente à estampa um livro curioso, documentando uma sólida cultura, e palpitante de actualidade: *Un socialisme d'état quinze siècles avant Jesus Christ* (Edições Geuthner).

Embora tratando-se um profundo trabalho de egiptologia, o que poderia ter a rigidez das múmias, senão a sua inclita e venerável poeira, é com um interêsse *vivo* que o lemos, dominados por uma curiosidade sempre crescente a que não é estranho o prazer mental de compararmos uma tão velha organização política com os mais avançados (?) sistemas políticos actuais.

Na verdade, nada é novo sôbre a terra. Tudo se repete, tudo passa e volve, como as ondas do mar num eterno ritmo. Trinta e cinco séculos depois dos Faraós, medidas que por êles foram criadas, leis e princípios por êles estabelecidos, voltam à prática e assumem, nas mãos de Mussolini, Salazar e Hitler, fóros e honras de cousa nova, revolucionária, avançada. Afinal, qualquer dos três ditadores não é mais, por vezes, que um Faraó 55 da série, reintegrando os diversos e respectivos países numa velha verdade que é, possìvelmente, a única imutável e aquela verdade que, resistindo aos caprichos das gerações, aos êrros e vaidades dos homens e às inclemências do tempo, é, entre as idéas humanas, uma outra uma pirâmide.

Paris, Outubro, 1934.

G. R.

IMPRENSA

O Jornal do Comércio e das Colónias

Completou 81 anos de existência êste nosso brilhante colega da capital, que é, além do diário mais antigo do país, um dos órgãos da imprensa portuguesa mais bem redigidos.

Fradique apresenta a **O Jornal do Comércio e das Colónias** calorosas felicitações, desejando-lhe a continuação da marcha gloriosa em pról do engrandecimento do Império.

Os bens do «'Zabelinha»...

Novela inédita de RODRIGO DE MELO

I

Fôra um dos grandes achados do João Gil vinte anos altos e bem afeiçoados mas com eclipses de taciturnidade na fidalga despreocupação — aquela adega fresca, onde a crueza do sol rijo não penetrava, e que continha rudes mesas ovais cobertas de oleado, tôscas e convidativas, a fazerem reclamar peixe frito, salada e porosos cangirões de *palhete*.

Abancaram os três rapazes, com aqueles sôpros consolados e aquele deixar cair dos corpos nas cadeiras, de pessoas que vêm do inferno das ruas candentes, ao tomar contacto com o refrigério de casa térrea, a balsamizar-lhes carnes e nervos.

— Safa, que calor!

— De se lhe tirar o chapéu, sr. Joãozinho! — veio apoiar gratamente o Montez, dono da locanda, mesureiro e próspero no seu ventrezito redondo e nos *pés-de-galinha* radiantes do olhar — tem ido um verão mesmo ruím! — E como João não o ouvisse, combinando com os outros dois o constável da merenda, ficou-se a aguardar, mirando-os aos três, e balbuciando uns «sim, senhor», «sim, senhor», que evitavam a *descortesia* de estar calado... Quando os viu assentar em alguma coisa, arriscou: — Pois não o fazia por cá, sr. Gil; parece-me que ouvi dizer que estava fora...

— Vim cá hoje de visita. Fui passar uma temporada a casa, aqui dêste meu amigo, em Vila-Cova. — Apontava Artur Melício, menineiro e fraco, aluno de engenharia na capital, que viera retazer-se à Beira dos trabalhos lectivos, exgotantes para a sua indolência e debilidade. — «Você conhece com certeza, Montez...

— Vila-Cova de Travassos?! Então não sei?! E' de lá a minha patrôa e vivi lá muito tempo com meu pai... — Afirmava-se em Artur enquanto falava, a querer buscar-lhe nos traços a filiação, visto que conhecia tôda a gente da aldeia; e, de repente, numa revelação bradada: — «O filho do sr. engenheiro Melício, não é? Desculpe-me, sr. doutor, mas, se o Joãozinho não medissesse de onde era, eu não futurava!... Isto é que faz a gente velho.. Inda me lembro de quando estava cá, interno, no colégio do abade Barradas. Como o tempo passa!» — Transição: — «Então, dá-se bem por Lisboa? E o senhor seu pai?... Belo homem! Já não o vejo há um «rôr» de tempo...

— Felizmente, julgo que bem... As últimas notícias que tivemos, eram boas. — Foi-lhe preciso narrar à curiosidade do taberneiro que os pais se encontravam nas Colónias, onde o dr. Melício ensaiava aterramentos de zonas palúdicas, em missão oficial. A sua vozita cançava, omitia pormenores que o implacável Montez queria logo roer até ao sabugo...

Simultâneamente, João Gil e António Serpa, o outro companheiro, encomendavam à trefêga criadita, atum, pimentos assados e «uma *litrada daquele* que nós sabemos» — no dizer patusco de João...

Montez puxara uma cadeira, olvidada a pragmática no conchêgo da cavaqueira que o deliciava. Não aceitou petiscar cousa alguma, mas «fazia companhia num copito». Enquanto os outros eram servidos, tagarelou:

— Pois eu, sem ser natural de Vila-Cova, sempre engracei muito com aquela terra. E raros se gosam de ser berço de tão boas famílias! Não é por os senhores estarem presentes, mas ainda hoje me lembro do respeito que tôda aquela gente guardava ao senhor Morgado, avô aqui do Joãozinho, e ao sr. desembargador Felix Melício...

— Pai do meu pai — anotou Artur.

— Era bonito de ver-se, mas era nas eleições! O senhor desembargador era todo do Hintze; o Morgado, progressista. Este levava todos aqueles povos da Serra a votar pelo Zé Luciano; o avô do dr. Arturinho contava com a Veiga dos Salgueiros em pêso e mais de metade de Travassos. Tempos... tempos! Grandes almas, um e outro!... — Um suspiro e o esvasiar de um copo que lhe alumiou as bochechas. Os três rapazes comiam com apetite. António Serpa, moreno, de olhos cavados, era o mais atento...

«Só se lhes conhecia um vício — continuou Montez — Era o do jôgo. Porque êles, aparte a política, eram amigos, unha com carne. Reuniam-se com as figuras graúdas da Beira e muitas vezes até jogavam terras e casas à bisca, quando se aborreciam de perder e ganhar dinheiro. Por sinal que apareceu em Vila-Cova, nessa época, um figurão todo bem «arreado» que ninguém sabia de onde vinha, o qual fulano conseguiu meter-se à cara da filha mais velha do Serpa — africanista... e casar com ela.

Nesta altura, António, em quem o lojista não tivera tempo de atentar, pareceu sofrer um engulho e, levantado de repente, atarnancou:

— Vocês esperam-me aqui um instantinho, sim? De todo me esqueceu um recado que trouxe para o coronel Morais. Maçadas!... — e, agarrando no chapéu, sumiu-se pela cozinha, enquanto os olhos do Montez preguntavam aos de Artur e João Gil, quem era aquele moço, admirando a súbita resolução.

— E' um rapaz, António Serpa, filho do Serpa do Registo Civil — satisfez João.

— Ahn?! Ai, o que eu ia contar, santo Deus! — E as mãos do homem subiram, pasmadas, à altura do rosto. — Eu nem reparei nele. Vem a ser, nêsse caso, neto do «Zabelinha» de quem eu ia dizê-las frêscas!...

— Naturalmente, foi prevendo isso que se pôs a «mexer» — sorriu, intencional, o Artur.

— Seria, seria... Valha-me Deus!

— Mas, ó Montez, o que havia de extraordinário na vida dêsse famigerado «Zabelinha»?

(Continua na pág. 6)

José Pacheko — José Pacheko — José Pacheko

José Pacheko morto, e as notícias poucas foram.

Nos diários uma esquiva meia coluna; no «Ilustrado» uma crónica vaga; no **Fradique** um eco passageiro, no outro jornal literário, o «Diabo», nem uma palavra.

José Pacheko morto, e as notícias poucas foram.

◆

Eu nunca vi José Pacheko. No entanto dou-me com algumas pessoas que com êle conviveram bastante, pessoas que são homens e que foram alguns dos rapazes que ao seu lado construiram os mesmos castelos de sonhos e os mesmos sonhos de Beleza.

Vi o seu nome elogiado nos jornais; vi o seu nome na capa da magnífica «Contemporânea» e da «Revista» da Solução Editora; vi o seu nome assinando a tal capa do «Orfeu» que é bom não esquecer, cá por coisas, que é de 1915. Falou e foi falado; discutiu e foi alvo de discussões.

◆

A «Comtemporânea». O José Pacheko. Uma revista com que se reflectia um artista e um artista que se adivinhava numa revista. E' raro o mês que a não folheio, que a não consulto ou que a não mostro a conhecidos.

A «Contemporânea» foi a primeira obra de real valor feita em conjunto por uma geração de artistas cheios de coragem. A «Contemporânea» é um grande exemplo e foi uma revelação. Folheada cuidadosamente e com inteligência colhe-se nela um enorme ensinamento.

José d'Almada Negreiros! não julgue que o esqueci. Estou mesmo certo que sem o seu muito talento tinha sido impossível fazer tanto. Eu sei bem que a minha geração, uma geração que levantou agora o pé para dar o primeiro passo, lhe deve muito e muito. Mas a minha geração tambem esperava de si um brado de protesto, daqueles brados de protesto que você sabe dar como ninguem, contra o silêncio ultrajante feito sôbre o falecimento de «José Pacheko, arquitecto pela graça de Deus».

José Pacheko morto, e as notícias poucas foram.

◆

«Arquitecto pela graça de Deus».

Artista pela graça de Deus ou uma grande verdade impressa num cartão de visita. Sim; o José Pacheko tinha toneladas de razão. A ser *artista* não se aprende por correspondência ou em cursos práticos. Não se vai para *artista* como para médico ou sapateiro. Querer ser *artista*? *Artista* não admite quereres. *Artista*? E'-se.

◆

Aqui deixo impressos, José Pacheko, os agradecimentos que lhe queria apresentar diante da sua cova pelos minutos que nos proporcionou viver com alguns estrangeiros, lendo-os e olhando-os na «Contemporânea».

Vasquez Dias, Adriano del Valle, Rogelio Buendia, Borpus Barga, Solly Azagury, Ramon Gomez de la Cerna, Albert Jourdain, Marqués Lozoya, Eva Aggirloalna, António Rey Soto, Daniel Ruzo e muitos mais.

Citei Ramon Gomez de la Cerna. Quero reproduzir alguma das suas frazes lidas no banquete da «Contemporânea» e em que fala de José Pacheko:

José Pacheko visto por **Já**, — um «novo» que este ano vai expor pela primeira vez

«El gran José Pacheko merece este homenaje porque siendo arquitecto ha construido algo de más dificil y hipotetico que una obra de piedra, una revista moderna en que el epiritu se distribuye admirablemente y que es como perfecta flor arquitectonica.

José Pacheko ha logrado que su revista pueda estar al lado de las revistas ultra-modernas y hasta se podia decir que lleva à su compañia una cosa que falta en las otras: Salud.

Pero lo que ha hecho de más maravilloso *Contemporánea* y su director, su hallazgo, su aportacion al movimiento moderno del arte, su misturacion original ha sido el unir el cubismo al rusticismo, el cerrar el circulo, el que de nuevo la cabeza se muerda la cola.

Lo inaudito de *Contemporanea* es que ha promovido la union de lo rustico y de lo ultra-moderno y de la pintoresca privanza del espiritu nacional á la más audaz de las novedades. Lo *português* que es este movimiento moderno de *Contemporanea* y lo que ha debido chocar en el resto de Europa.

Se poderia decir que con este injerto vital habeis reverdecido el arte de Europa, uniendo á las formulas modernas esa savia profunda.

. . . . . .

¡ Magnanimo Pacheko !

. . . . . .

Por todo esto, miho menaje y mi felicitacion, admirado Pacheco. Podeis tener la satisfaccion de que con vuestra revista habeis hecho más por el nombre de Portugal que un año de su história, cuando es solo la de un pueblo en paz que hace su vida cotidiana, monótona e rutinária de siempre.»

Isto disse Ramon Gomez de la Cerva.

◆

Talvez há seis meses, estava eu com pessoas que são homens e que foram alguns dos rapazes que ao lado de José Pacheko construiram os mesmos castelos de sonhos e os mesmos sonhos de Beleza, apareceu alguem que trazia um quadro embrulhado e um cartão de José Paceko pedindo que o procurassem vender.

Estava tuberculoso e sem recursos.

A quantia desejada seguiu pelo portador.

«E o que era o quadro?»

Um cartão vulgar; três crisantemos e uma jarra baixa, larga mas elegante. Três crisantemos a três côres: amarelo, branco e um rôxo avinhado. O fundo era o castanho-amarelo do próprio cartão.

As três flores estavam distanciadas com uma elegancia natural; coloridas com à vontade, leveza e frescura.

Os crisantemos, os banalissimos e corriqueiros crisantemos que tôdas as meninas e todos os habilidosos pintam, tinham uma Beleza extraordinária.

Não admira.

O José Pacheko era um artista.

Telmo Felgueiras

José Pacheko -- José Pacheko -- José Pacheko